

APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Renata Innecco Bittencourt de Carvalho*

Resumo: neste artigo são abordados aspectos relacionados à interface entre comunicação e educação com ênfase no aspecto da educação a distância. São tratados assuntos como a relação entre os processos de comunicação e de aprendizagem, as abordagens e os teóricos das teorias da aprendizagem e os desafios da educação a distância na sociedade contemporânea, principalmente, nos cursos de graduação onde há uma transição da pedagogia para a andragogia.

Palavras-chave: comunicação, educação, educação a distância.

INTRODUÇÃO

Fazer uma análise dos relacionamentos entre comunicação e educação é possível, mas qualquer recorte proposto é insuficiente porque muitas questões exigem um engajamento reflexivo de cada uma das duas áreas.

Há várias interfaces que podem ser destacadas para análise, mas “o ângulo de interação mais relevante é o espaço da transdisciplinaridade no qual processos, conceitos e reflexões de um campo sejam postos, todos, a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho em comum” BRAGA (2001, p. 70). Uma das áreas de interface de desenvolvimento crescente nos últimos anos é a dos processos e experiências voltadas para a educação a distância - EAD.

Antes de iniciar um projeto de educação a EAD é necessário que se compreenda as inovações causadas pela tecnologia e o meio aplicados, tanto no processo de comunicação quanto no processo de aprendizagem.

PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

* Funcionária da Diretoria Acadêmica do UniCEUB. Formada em Comunicação Social pela UnB, concluindo o curso de especialização em Educação a Distância da UCB e mestranda na área de Tecnologia Educacional da Faculdade de Educação da UnB. Endereço eletrônico: renata62926@uniceub.br

Ao desenvolver cursos a distância é imprescindível conciliar os objetivos pedagógicos e a elaboração de currículos com a mediatização da educação. Mediatizar (BELLONI, 2001, p. 26) significa então, codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo o meio técnico escolhido, respeitando as características técnicas e as peculiaridades de discurso do meio técnico.

É importante notar que a mera transposição de conteúdos (por exemplo, transportar uma página impressa de um livro em página na tela do computador) não é o objetivo da educação mediática. É preciso desenvolver um discurso pedagógico adequado às características dos meios escolhidos.

Outro aspecto de relevante importância, além do meio e da mensagem adequados à EAD, é a mudança na direção do processo de comunicação como consequência das mudanças do papel do professor e do posicionamento do aluno no processo.

Quando se fala em comunicação, é comum pensarmos nos “grandes meios” (BRAGA, 2001) de comunicação: o rádio, a televisão, o jornal, o cinema, as revistas, e as redes informáticas, mas “tudo aquilo que as pessoas possam atribuir significado, pode ser e é usado como comunicação” (BERLO, 1999, p. 1).

Não há comunidade sem comunicação entre os homens. As pessoas podem se comunicar por muitas razões e de muitas formas. Desde Aristóteles, que definiu o estudo da retórica (comunicação) como a “procura de todos os meios disponíveis de persuasão”, passamos por várias escolas e teorias. Como exemplo, no fim do século XVIII, o dualismo era interpretado como base para dois objetivos da comunicação – um de natureza intelectual e outro, emocional.

Como afirma Wekin, “historicamente, pode observar-se como a nível semântico, os termos comunicação e comunicar se modificam de uma forma sensível: as acepções que, globalmente, significam partilhar, passam para um segundo plano a fim de darem lugar às utilizações lingüísticas centradas em torno do significado de transmitir” (apud WOLF, 1987, p.98).

Mesmo com vários conceitos, é possível afirmar que qualquer situação de comunicação compreenda produção da mensagem por alguém e a recepção desta mensagem por alguém. Portanto, os meios de comunicação formam um sistema crucial produtor e circulador de informação na sociedade.

Podemos caracterizar os meios em 3 grandes conjuntos conforme o tipo de interação que propiciam (BRAGA, 2001, p.20):

- os meios e processos difusos e diferidos, sem retorno imediato de resposta – livros, jornais, revistas, rádio, televisão e cinema;
- meios e processos difusos, com retorno possível previsto na seletividade do usuário – *sites* da Internet, a TV dita interativa, programas de rádio com sistema telefônico de retorno, hipertexto;
- meios e programas dialógicos, direcionados, com retorno direto (tipo conversacional) – telefone, correspondência escrita, e-mails, *chats*.

Os meios de comunicação do tipo conversacional superam os obstáculos de tempo e espaço porque podem transmitir e receber informações *just in time*. Cabe salientar que não nos ocupamos em analisar o caráter de exclusão das mídias, da utilização das máquinas por minorias, mas seu potencial de utilização no campo da educação.

O estudo da comunicação, num primeiro momento de reflexão, foi analisado pela eficiência do processo comunicativo utilizado como transmissor de informações, conforme observamos na teoria matemática da comunicação (figura 1) proposta por Shannon (apud WOLF, 1987, p.99):

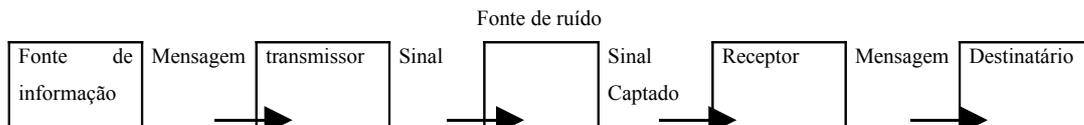


Figura 1

Posteriormente, foram observadas a influência e a relação entre os elementos e ressaltada a diferença entre o significante e o significado da mensagem recebida (modelo semiótico-informacional) e a importância do papel do destinatário (modelo semiótico-textual).

De forma bastante simplificada, no processo de comunicação a fonte codifica a mensagem; a mensagem codificada é transmitida por algum canal; a mensagem é codificada e interpretada pelo receptor.

Os elementos do modelo de comunicação têm seus análogos no modelo de aprendizagem (BERLO, 1991, p. 101). Seus processos são equivalentes e similares:

Ingredientes da Aprendizagem

- Organismo
- Estímulo
- Percepção do estímulo
- Interpretação do estímulo
- Resposta descoberta ao estímulo
- Conseqüência da resposta

Ingredientes da comunicação

- Canal
- Mensagem
- Decodificador
- Receptor-fonte
- Codificador
- *Feedback*

Em resumo, os dois processos são similares, mas não são idênticos e a escolha e a utilização do meio depende dos objetivos a serem alcançados.

É importante destacar que os meios de comunicação não são excludentes entre si e podem ser complementares ou auxiliares. Em sua teoria, MACLUHAN (1988) já afirmava que os avanços tecnológicos, nas telecomunicações e na informática, transformariam o mundo em uma imensa “aldeia global”. Suas contribuições incluem, dentre outras, a frase “os meios de comunicação são extensões do homem” e, com base nesta afirmativa, por exemplo, os limites da distância e tempo da visão, da audição, da escrita podem ser superados pela utilização do livro, do rádio, da televisão, do cinema ou de qualquer meio de comunicação.

Pela similaridade dos processos, podemos concluir, no que tange à educação, que a compreensão das teorias de aprendizagem é indispensável à escolha do meio ou o conjunto mais adequado e eficiente.

TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Há três grandes correntes no campo da aprendizagem: o inatismo, o ambientalismo e o interacionismo.

O inatismo, por considerar que os eventos após o nascimento não são essenciais para o desenvolvimento, já é considerada uma abordagem superada. Entretanto, alguns teóricos, como Gardner na Teoria das Inteligências Múltiplas, ainda consideram alguns componentes inatistas no processo de aprendizagem.

O ambientalismo deriva da corrente filosófica empirista e considera que aprendizagem é o processo pelo qual o comportamento é modificado pela experiência, e o interacionismo ressalta a função recíproca do organismo e do meio .

As teorias da aprendizagem podem ser reunidas em três abordagens: comportamentalista, cognitivista e humanista.

Na abordagem comportamentalista, na qual estão inseridos Skinner e Gagné, aprendizagem é mudança de comportamento. Skinner tem suas análises calcadas na influência que meio ambiente exerce sobre o organismo humano resultando em aprendizagem com ênfase na experiência do indivíduo e Gagné enfatiza que não é suficiente a mudança de comportamento, mas, sim, a permanência desta mudança, o que pode ser considerado de neocomportamentalismo.

Na abordagem cognitivista, aprendizagem é processo interno de construção do indivíduo. As teorias desenvolvidas por Piaget, Ausubel, Vigotsky, Bruner e Gardner são englobadas nesta abordagem. Piaget, na sua teoria construtivista, tem como alicerce o equilíbrio alcançado com a assimilação e a acomodação entre o organismo e o meio (interacionismo), e posiciona o aluno como sujeito ativo no processo. Ausubel considera que na aprendizagem significativa uma nova informação se relaciona com conceito subsunções na estrutura do conhecimento preexistente. Vigotsky, considerado pós-construtivista, apesar de concordar com a ação recíproca do meio e do organismo destaca a interação social no desenvolvimento cognitivo. Para Bruner, aprender é uma capacidade do indivíduo de resolver problemas e pensar sobre uma situação. Gardner, teórico das inteligências múltiplas, afirma que cada indivíduo tem uma forma de aprender diferente indicando a pluralidade do intelecto.

Na abordagem humanista, aprendizagem é um processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo. As teorias de Maslow e Rogers podem ser incluídas neste contexto. Maslow, analisando as necessidades humanas e criando uma hierarquia de necessidades, afirma que o ser humano se desenvolve buscando saciar as necessidades. Para Rogers, a aprendizagem tem sentido com a percepção individual, mas é favorecida pelo grupo.

Além da análise das teorias citadas na elaboração de cursos de EAD, há vários aspectos novos e próprios da relação da comunicação e da aprendizagem que devem ser abordados e compreendidos para se alcançar a aprendizagem.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Dentre as várias definições de EAD existentes na literatura sobre o assunto, destaca-se BORDNAVE (1986, p.234) que a define como uma proposta organizada do processo ensino-aprendizagem, na qual estudantes de diversas idades e antecedentes, estudam em grupos ou individualmente, em casa, locais de trabalho ou qualquer outro ambiente, usando materiais auto-instrutivos, produzidos através de diversos meios de comunicação.

Qualquer que seja a tecnologia empregada (televisão, videoconferência, teleconferência, áudio conferência, vídeos-aula, computador, redes de computadores) e as mídias utilizadas como recursos de aprendizagem num programa de EAD (softwares educacionais, materiais impressos, rádio, televisão, Internet, Cd-rom.), é imprescindível que se adote um modelo pedagógico adequado às ações didáticas empregadas.

Em EAD, as relações pedagógicas não se modificam, necessariamente, com as novas tecnologias, podendo o modelo pedagógico assumir um formato conservador e autoritário ou utilizar uma abordagem com enfoque cognitivista, comportamentalista ou humanista. De um modo ou de outro, o procedimento educativo deve adaptar-se às novas circunstâncias, considerando-se as possibilidades e limitações das tecnologias envolvidas no ambiente de EAD.

Até o momento, nos debruçamos no canal, no meio e na mensagem do processo de comunicação, todavia não se pode esquecer das extremidades do processo: o aluno e o professor. Um desafio da EAD no mundo contemporâneo é compreender quem é o aluno e como ele interfere no processo de comunicação quando o objetivo final a ser alcançado é a aprendizagem.

A educação presencial ocorre, tradicionalmente, num processo de comunicação unidirecional, como fator de reprodução social. O espaço físico é predeterminado e o professor, detentor do conhecimento, é o emissor da mensagem e o aluno, elemento passivo, é o receptor avaliado posteriormente.

A EAD utiliza vários meios de comunicação para ensinar: do material impresso ao computador. Contudo o processo de comunicação na EAD pela Internet traz à tona um novo elemento modificador do processo com um todo. A interatividade permite que o receptor da mensagem, o aprendiz, seja sujeito ativo no processo.

O conceito de interatividade é de fundamental importância para a análise da comunicação mediada pelo computador e de todas as pesquisas que lidam com a interação homem-máquina ou homem-homem via computador.

O que se compreende hoje por interatividade é nada mais que “uma nova forma de interação técnica, de característica eletrônico-digital, e que se diferencia da interação analógica que caracteriza a mídia tradicional” (LEMOS, 1997).

A interatividade, segundo Lemos, se situa em 3 níveis: o técnico “analógico-mecânico”, técnico “eletrônico-digital” e social (ou, como sugere, simplesmente interação). Sendo assim, a interatividade digital seria um tipo de relação técnico-social. Seria um diálogo, uma conversação entre homens e máquinas, em tempo real, localizado em uma zona de contato, zonas de negociação, as interfaces gráficas. A relação deixaria de ser passiva ou representativa, passando a ser ativa. Para ele, a interação homem técnica é uma atividade tecno-social que esteve sempre presente na civilização humana.

O conceito de interatividade não exclui a importância da capacidade da máquina, mas acrescenta a importância da interação humana. Atualmente, defende-se a posição de que a

tecnologia não se resume a equipamentos, mas “é um processo de desenvolvimento; não é simplesmente um meio e sim uma forma de vida, um habitat humano: não foram as máquinas que assumiram o comando da sociedade, mas os homens que fizeram, e continuam fazendo, a opção política por utilizá-las” (FEENGERG, 1991).

Incorporado ao senso comum, o termo tecnologia desvia-se de sua significação original, possibilitando equívocos variados, tanto no que se refere à importância que é atribuída à tecnologia, como no que diz respeito ao uso que dela se faz.

Aplicamos aqui o conceito de tecnologia na sua definição mais ampla, condensando as tecnologias instrumentais (aparelhos, instrumentos, ferramentas e técnicas), as tecnologias simbólicas (linguagem, escrita, desenhos, ícones, e outros sistemas de representação) e as tecnologias organizadoras (gestão das relações humanas, técnicas de mercado) formando um único conceito representante de todo o processo de desenvolvimento da sociedade contemporânea.

A eficiência de um ensino à distância é mais resultado da preparação e da concepção de educação adotada que da inovação. Por esta razão, o planejamento e o desenvolvimento da ação didática e a compreensão dos novos papéis dos alunos e dos professores assumem uma importância vital para o sucesso de qualquer programa de ensino a distância.

A EAD NO ENSINO DE GRADUAÇÃO

Há um momento específico da educação do indivíduo que deve ser analisado com bastante cautela: o ensino de graduação.

É nos cursos de graduação que os alunos ingressantes adolescentes, a maioria, passam o período de transição para a fase adulta.

Em 2001, por exemplo, no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, 70% (setenta por cento) dos alunos ingressantes tinham entre 16 e 21 anos, 63% (sessenta e três por cento) não exerciam atividade remunerada e 86% (oitenta e seis por cento) eram solteiros.

O maior desafio da EAD no ensino de graduação é auxiliar o aluno nesta mudança, servindo como ponto de apoio e orientação, além de motivar sua independência e a auto gestão da aprendizagem.

A experiência adquirida no campo da educação de adultos, de acordo com TRINDADE (1992, p.27), revelou que os métodos pedagógicos e didáticos para crianças e jovens não se mostraram adequados para adultos: a razão disto é que o modelo pedagógico é essencialmente heteronômico, dado que a relação educativa é estabelecida por um controle

externo agindo sobre o sujeito, enquanto o modelo andragógico é, sobretudo autonômico e auto-dirigido. Adultos acham em si mesmos as motivações para, e as necessidades de aprender; e o processo de aprendizagem não pode ser imposto por fontes externas independentes, nem ignorar as habilidades e competências já adquiridas e as condições de vida (situação familiar, profissão, meio social).

Dentre as diferenças entre as características da aprendizagem de adultos e crianças destacamos: o centro da relação professor-aluno na pedagogia é o professor e na andragogia é o aluno; as crianças aprendem segundo um currículo padronizado e os adultos aprendem o que realmente precisam saber para aplicação prática; na pedagogia a experiência do aluno tem pouco valor e na andragogia, muito; a orientação da aprendizagem é por assunto e na andragogia é por problemas que exigem conhecimento anterior para se chegar às soluções.

Um processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante será então fundamental como princípio orientador de ações de EAD. Isto significa não apenas conhecer o melhor possível suas características sócio-culturais, seus conhecimentos e experiências e suas demandas e expectativas, como integrá-las realmente na concepção de metodologias, estratégias e materiais de ensino, de modo a criar com eles as condições de auto-aprendizagem.

Para PFROMM NETTO (2001), “ensinar e aprender não é algo que ocorra ao sabor do acaso e da improvisação”. Os cursos de graduação devem atuar no limite entre a pedagogia e a andragogia e os métodos de ensino devem preservar a importância do professor, porém como uma função de orientador e flexibilizar os currículos, valorizando as individualidades e as iniciativas dos alunos. É necessário estabelecer um “ponto ótimo” entre as características tradicionais da pedagogia e as inovações da andragogia.

Considerando que o aluno de graduação inicia o curso adolescente e termina, adulto e, desta forma, há uma passagem da pedagogia para a andragogia (o que significa uma passagem da assimilação do conhecimento para a busca pelo conhecimento), que a formação do corpo docente foi para “ensinar” no ambiente presencial (o que representa um processo unidirecional de transmissão de conhecimento) e, sobretudo, que a educação, na concepção *freiriana* (FREIRE, 2000) é um fator de transformação e emancipação social da sociedade contemporânea (sociedade mediática) é possível afirmar que a educação a distância é uma ferramenta indispensável para os cursos de graduação como auxiliar no incentivo ao amadurecimento intelectual individual e da transição para a fase adulta da maioria dos alunos de graduação.

CONCLUSÃO

A educação a distância é uma interface do relacionamento entre comunicação e educação. As modificações causadas pela tecnologia nessas áreas do conhecimento tornam específicas as análises dos processos de aprendizagem.

A impossibilidade de generalização de causa-efeito no ensino a distância é causa de modelos pedagógicos diversificados e imprescindíveis de planejamento prévio.

Qualquer projeto que envolva EAD pode ser inutilizado e inviabilizado se não houver, além da escolha consciente da concepção de educação a ser adotada, um estudo inicial e minucioso sobre o aprendiz, suas características, sua intenção de aprendizagem no projeto proposto e seu método de aprendizagem.

É importante notar que o planejamento de cursos deve prever, como no ensino de graduação, a modificação das características do aprendiz no decorrer do período proposto para finalização efetiva da aprendizagem ocasionando mudanças da metodologia aplicada.

O desafio da EAD para se atingir uma aprendizagem eficaz, além da adaptação possível de novas tecnologias, da escolha adequada da teoria da aprendizagem a ser abordada, é prever o desencadeamento do processo de comunicação e aprendizagem e a participação de todos os elementos do mesmo.

Podemos concluir que o grande desafio da EAD é conciliar a necessidade de inovação e adaptação tecnológica permanente com as modificações ocorridas na sociedade e na educação para alcançar o objetivo final de qualquer projeto educacional: formar cidadãos sujeitos de seus próprios pensamentos e conscientes da sua responsabilidade social.

BIBLIOGRAFIA

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BERLO, David K. *O Processo da Comunicação: Introdução à Teoria e à Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDENAVE, Juan Dias. *Pode a Educação a Distância ajudar a resolver os problemas educacionais do Brasil?* In: *Tecnologia Educacional*, n°15(70).

BRAGA, José Luiz e CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação: Questões Delicadas na Interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

- COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO UniCEUB. *O aluno UniCEUB*. In: Centro Universitário de Brasília. UniCEUB em Revista:1 UniCEUB, 2002.
- FEENBERG, Andrew. *Questioning Technology*. Nova Iorque: Koutledge, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LEMOS, André. *As Estruturas Antropofágicas do Cyberespaço*. Universidade Federal da Bahia. 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que Ensinam: Mídia e Aprendizagem do Cinema ao Computador*. Campinas: Alínea, 2001.
- TRINDADE A. R. *Distance Education for Europe*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.